

ADAPTAÇÃO TELEVISIVA DA OBRA “O SACI”, DE MONTEIRO LOBATO: UM OLHAR CRÍTICO-ANALÍTICO

Larissa Julyeli CAMARGO¹
Profa. Msc. Eliana S. Oliveira VALENTE²

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a adaptação televisiva da obra “O Saci” de Monteiro Lobato, fazendo assim uma análise crítico-analítica entre a adaptação do “Sítio do Pica-pau Amarelo”, exibido pela Rede Globo a partir do ano de 2001 e o texto original. Com o olhar voltado para a riqueza das grandes produções de Lobato, e a necessidade de resgatá-la no meio escolar como material riquíssimo para a formação do leitor, foi possível refletir sobre a relevância dos textos lobatianos em sua essência registrada nos livros e nas adaptações reproduzidas nas telinhas. Assim, após a efetivação do estudo, foi possível perceber a relevância de levar os alunos a realmente conhecerem o texto de Lobato, com toda sua riqueza de detalhes e incentivo à formação do imaginário, entretanto a sua adaptação também é valorosa e merece ser estudada, ou seja, cada uma com suas especificidades e recursos específicos colaboram para a construção do sujeito-leitor.

PALAVRAS-CHAVE

Monteiro Lobato, *O Saci*, narrativa, adaptação televisiva, formação do leitor.

1. Introdução

A leitura é como uma janela que se abre e permite ao leitor enxergar longe, muito longe. Ela é única para cada indivíduo, torna os seres mais sábios, amplia vocabulários, desperta o raciocínio, torna o leigo capaz de interpretar e opinar, além de contribuir para a formação da cultura.

A sociedade contemporânea, entretanto, tem estado tão ocupada com as descobertas tecnológicas que o tempo necessário à formação do leitor tem sido substituído pelas distrações audiovisuais tão divertidas quanto alienadoras. As crianças passam horas diante de brinquedos virtuais e já não jogam mais bola, brincam de boneca ou apreciam a beleza do mundo à sua

¹ Graduanda em Pedagogia – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – larissa.julyeli@hotmail.com

² Docente do Departamento de Letras – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – eliana.valente@hotmail.com

volta. Imagine então “perder” horas olhando para um livro, quando se pode escolher a animação que quiser e rir à toa com as peças prontas pensadas por alguém. E assim as novas gerações crescem moldadas pela indústria televisiva e virtual, incapazes de pensar por si mesmas, e de perceber as belezas das janelas que se abrem quando ousamos abrir um livro.

A escola, por sua vez, que deveria se ocupar então deste resgate ao mundo leitor, acaba fazendo parcialmente o seu trabalho. Lê um pouco, lê às vezes, lê mal... os professores, muitas vezes despreparados, não sabem como instigar o gosto pela leitura porque também nunca foram ensinados. A escola, depois da família, deveria ser o lugar de encontro com os diversos tipos de leitura, lugar onde se aprenderia a querer buscar mais e mais aprendizagem, ou seja, o lugar de incentivo e abertura de infinitas janelas para o conhecimento. Porém, não é bem assim! Porém, é muito comum os livros serem substituídos pelos vídeos, as leituras moldadas na telinha são menos trabalhosas e mantem a criançada quietinha, enquanto o professor se distrai com alguma outra coisa qualquer.

E a literatura? Qual o espaço dela? As janelas continuam trancadas com cadeados gigantes, impossibilitando os olhares de avançarem em direção a novos horizontes. Como muito bem esclarece YUNES (2009, p. 43): “A trama da leitura envolve autor, leitor e texto. O drama da leitura envolve o mediador, o aprendiz, os acervos. Sem mediadores, nem leitores, nem acervos sobreviverão”. Por isso os grandes autores são sujeitos desconhecidos das nossas crianças, por isso as bibliotecas estão tão escassas de frequentadores e o mundo tão cheio de pessoas alienadas.

O papel do professor é essencial para a formação do leitor, pois ele deve ser o mediador dessa aprendizagem, é ele quem coloca o aluno em contato com livros, textos e outras fontes de leitura. O professor deve apresentar diversas formas de leitura, experiências como roda de conversa, leitura em voz alta, contação de histórias, é ele quem deve instigar o aluno a querer estar sempre em contato com a leitura, e a buscar sempre novas fontes. Esse processo acontece a partir do momento em que o professor passa a ser pesquisador, e planeja o material a ser trabalhado e apreciado por seu aluno. Induzir o aluno a aprender, compreender e interpretar aquilo que está sendo lido, faz com que esse processo se torne enriquecedor para o aprofundamento de seu conhecimento, fazendo com que ele aprenda, cresça e tenha sucesso.

Diante disso, o interesse por desenvolver este trabalho surgiu durante uma roda de conversa que propunha como tema uma reflexão sobre a leitura. Na ocasião, se indagava quanto dos participantes conheciam os textos de Monteiro Lobato e notou-se que o mais relevante autor de literatura para crianças no Brasil era completamente desconhecido de todos.

O mais preocupante é que acreditavam conhecer Lobato porque em algum momento de suas vidas, tinham assistido a episódios televisivos da sua obra. Até que ponto as adaptações refletem a originalidade do texto adaptado? Os horizontes do imaginário se ampliam da mesma forma quando o sujeito está diante da televisão? Enfim, essas questões motivaram a pesquisa que aqui se apresenta.

Para tanto, escolheu-se tecer um comparativo entre o livro "*O Saci*", de Monteiro Lobato, e sua adaptação televisiva exibida pela Rede Globo a partir do ano de 2001, permitindo, assim, um olhar crítico sobre a adaptação, visando evidenciar como a leitura pode ser prejudicada - ou não - quando se substitui a obra por sua releitura televisiva.

2. Monteiro Lobato e sua produção literária

O maior escritor de literatura infantil do Brasil, José Renato Monteiro Lobato, nasceu no dia 18 de abril de 1882, data em que é comemorado o dia Nacional do Livro Infantil, em sua homenagem. De Taubaté, interior de São Paulo, foi primeiro filho de Olímpia Augusta Lobato e primeiro neto do Visconde de Tremembé, importante figura pública na época. Também conhecido e chamado por todos de Juca, Lobato passou seus primeiros anos num sítio, sendo cuidado por um pajem junto a suas irmãs mais novas Teca e Judite, onde foi alfabetizado pela própria mãe, e depois por um professor particular que o atendia em casa, Joviano Barbosa.

Aos sete anos foi para a escola pela primeira vez em Taubaté, época em que também descobriu a coleção de livros de seu avô materno, que era dono de uma enorme biblioteca em casa, leu tudo que havia em português e começou a escrever seus primeiros contos para o mini jornal da escola que frequentava na época.

Aos onze anos, foi trocado de escola, e recebeu uma herança antecipada de seu pai, uma bengala que cobiçava há anos, símbolo da elegância masculina, e nela estavam gravadas as iniciais J.B.M.L, motivo pelo qual mudou seu nome para José Bento Monteiro Lobato, para poder usá-la.

Em 1900, torna-se desenhista e caricaturista, e ingressa na Faculdade do Largo de São Francisco para cursar Direito por imposição do avô, para tornar-se o doutor Monteiro Lobato, mas durante esse processo mostra o seu desinteresse pelos estudos das leis. Lobato, já era elogiado por seu senso fino e sutil e por dizer sempre o que pensava, agradasse ou não as

peessoas que estavam ao seu redor. Defendia a sua verdade contra tudo e todos, não se importando com as consequências, e com o que as pessoas pensavam ao seu respeito.

A fama veio em 1914, quando publicou o seu artigo “Velha Praga”, que mais tarde viria a ser o seu primeiro livro, *Urupês*, dando vida a um de seus personagens mais famosos, Jeca Tatu; que era preguiçoso e molenga, o que gerou uma grande polêmica, pois ele representava o atraso que o Brasil vivia no momento. Em 1920, publica sua primeira obra infantil, “A menina do nariz arrebitado”, que mais tarde viria se chamar “Reinações de Narizinho”, trazendo a menina Lúcia como protagonista, mais conhecida com Narizinho, personagem do Sítio do Pica Pau Amarelo. O sucesso foi tanto com as crianças que Lobato continuou a lançar livros infantis que davam continuidade à história de Narizinho e seus amigos do sítio, valorizando muito o nacionalismo, o folclore e a cultura brasileira, a qual defendia veementemente. O sítio se transforma numa grande escola, onde seus leitores aprendem gramática, aritmética, geologia...

Marisa Lajolo (2000, p. 60) declara:

A obra infantil lobatiana é um projeto literário e pedagógico sob medida para o Brasil que a viu nascer e multiplicar-se ao longo de mais de vinte anos. Monteiro Lobato aposta alto na fantasia, oferecendo a seus leitores modelos infantis, as personagens, cujas ações se pautam pela curiosidade, pela imaginação, pela independência, pelo espírito crítico, pelo humor.

Lobato faleceu em 4 de julho de 1948, aos 66 anos, no auge da fama, seu corpo foi velado na Biblioteca Municipal de São Paulo sobre forte comoção da multidão que o acompanhava e era fã da trajetória construída ao longo de sua vida. Em setembro de 2007, por meio de acordo com seus herdeiros, o Supremo Tribunal de Justiça concedeu à Editora Globo os direitos exclusivos sobre a obra de Monteiro Lobato, entretanto esses direitos se findam em julho de 2018, quando suas obras passarão a ser de domínio público, ao completar 70 anos de sua morte.

3. *O Saci*: breves considerações

A obra literária infantil “*O Saci*” nos coloca diante de um cenário folclórico e de grande valorização cultural. Lobato nos leva para uma extraordinária expedição pelo mundo dos seres fantásticos, trazendo como protagonistas o menino Pedrinho e o Saci, famoso personagem do folclore brasileiro, que é capturado e preso por Pedrinho dentro de uma garrafa, depois que a curiosidade do menino é despertada por Tia Nastácia, em uma de suas histórias, e com a ajuda de Tio Barnabé, que ensina a Pedrinho como caçar um verdadeiro Saci.

Durante a narrativa, o menino se aventura pela floresta, tendo como companhia o Saci capturado, a quem acaba libertando para que se torne seu protetor. Conhece seres mágicos, visita lugares surpreendentes e é protegido pelo saci de todos os perigos daquele lugar desconhecido - enfrentam até a temida Cuca.

De prisioneiro a amigo de Pedrinho, o Saci conquista a confiança e ensina muita coisa ao menino. A narrativa se finda com a partida inesperada do Saci, após o retorno de Pedrinho ao Sítio, em segurança.

A adaptação televisiva nos traz, por meio de imagens ultra coloridas, exploração sonora, jogos de imagens, a história de como Pedrinho conheceu o Saci, que se torna seu amigo após altas aventuras que vivem um ao lado do outro dentro da grande floresta, vencendo medos e fazendo novas descobertas com o apoio um do outro, enfrentando a maior bruxa da floresta, a temível e maldosa Cuca. Como se percebe, o núcleo temático se manteve na releitura televisiva.

4. Análise comparativa

Vários são os pontos de aproximação e distanciamentos entre os textos comparados, sendo estes últimos em maior número e de grande ressignificação para o leitor. Com imagens prontas, cores, sons, personagens... tudo ganha vida nas telinhas de modo fácil ao leitor, não exigindo dele a construção imaginária e o esforço que a leitura proporciona.

Começemos por observar a construção e reconstrução de alguns personagens. Na telinha, por exemplo, a personagem Emília se torna uma boneca de aparência agradável e de tão bonitinha, todos querem ter aquela pequena criatura em casa, quando, na verdade, na história original, ela é de aparência feia, feita de retalhos de vestidos de Tia Nastácia, com olhos de retrós, enchimento de macela, que vive sendo costura e remendada, pois, seu tecido estoura, seus olhos vivem caindo, e sempre é lavada e pendurada no varal para que fique seca logo, ela vale muito mais por sua esperteza e inteligência que por sua aparência.

O inteligentíssimo Visconde de Sabugosa é outra personagem de extrema transformação, na televisão sua aparência é bem agradável e de tamanho real, bem diferente da criação de Lobato, onde ele surge pequeno, do tamanho de uma espiga de milho e vive andando e se perdendo em meio às páginas dos livros da biblioteca, feito por Pedrinho de um sabugo de milho seco que acaba juntando bolor. Tio Barnabé, é uma pessoa de aparência nova, bem conservada, diferente do livro, que nos traz um senhor bem velho, negro, de mais de 80 anos, que já não aguenta mais tantas aventuras, e vive sozinho em sua casa no sítio.

Assim, como todos os demais personagens, tem-se também a Cuca, que, nas páginas do livro, parece ser uma criatura abominável e de aparência terrível, que vive fazendo o mal a todos, quando, na verdade, na adaptação, ela não é um ser que provoca medo, é um simples jacaré, *mais atrapalhada* que amedrontadora, usa vestido e sapatos, e não provoca horror algum. Em ninguém! Pelo contrário, chega a ser cômica!

Na obra literária Pedrinho entra de férias e recebe uma carta de Narizinho, dizendo que, naquele ano, o sítio completaria um século e meio de idade, e que ele não poderia deixar de passar aquelas férias lá, fato não citado na adaptação. O sítio de Dona Benta parece ser um lugar encantador, cheio de vida, com paisagens e lugares deslumbrantes, com diversas plantas e animais, aquele verdadeiro cantinho cheio de aconchego que só a casa da vovó é capaz de proporcionar, onde tudo pode acontecer, e todos desejam estar, o livro nos traz com perfeita descrição esse ambiente.

Impossível haver no mundo lugar mais sossegado e fresco, e mais cheio de passarinhos, abelhas e borboletas. Como Dona Benta nunca admitiu por ali nenhum menino de estilingue, a passarinhada se sentia à vontade e fazia ninhos como se estivessem na Ilha da Segurança. O próprio badoque de Pedrinho não funcionava no pomar. (LOBATO, 2007, p. 16)

Quando, na telinha, o sítio não é tão grande quanto parece, e nem é tão encantador, matando um pouco toda aquela imagem fantástica criada.



Imagem 1: Cenário do sítio na adaptação televisiva.

Após chegar ao sítio, Pedrinho surge com a ideia de caçar na mata virgem, é quando Dona Benta diz que não, que é perigoso, que tem cobras, aranhas – mas de nada ele tem medo – até que ela diz que entre os perigos está, inclusive, o Saci, aguçando a curiosidade do menino, que teme o tal Saci, desconhecido por ele até então. Sai em busca de informações sobre o ser e Tia Nastácia, apavorada, pede a ele para falar com Tio Barnabé.

Desde esse dia ficou Pedrinho com o saci na cabeça. Vivia falando em saci e tomando informações a respeito. Quando consultou Tia Nastácia, a resposta da negra foi, depois de fazer o pelo-sinal e dizer “Credo!”.

- Pois saci, Pedrinho, é uma coisa que branco da cidade nega, diz que não há- mas há. Não existe negro velho por aí, desses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto saci. Nunca vi nenhum mas sei quem viu.

- Quem?

- O Tio Barnabé. Fale com ele. Negro sabido está ali! Entende de todas as feitiçarias, e de saci, mula sem cabeça, de lobisomem- de tudo.

Pedrinho ficou pensativo. (LOBATO, 2007, p. 20/21)

Na TV quem conta para Pedrinho sobre o Diabinho de carapuça vermelha é Tia Nastácia, o que deixa dona Benta irritada por dizer ao menino que realmente existem Sacis na mata. É aí que Pedrinho consegue realizar o seu sonho e captura um Saci. Usando das macetas que Tio Barnabé ensinou. Depois que Pedrinho foi a sua procura, após indicação de Tia Nastácia, ele jogou a peneira de cruzeta no meio do rodamoinho com a ajuda de Narizinho, e pluft... capturou o saci, colocou dentro da garrafa e tampou-a com a tampa na qual havia um desenho em forma de cruz.



Imagem 2: Cena em que Pedrinho captura o Saci.

Já com o Saci na garrafa, mas sem enxergá-lo, o menino parte em busca de um lugar que o fizesse ver o Saci, é aí que Lobato nos leva, mais uma vez, a querer estar dentro do livro, pois leva a nossa imaginação ao extremo com a descrição maravilhosa do ambiente, Pedrinho caminha mata adentro, onde se encanta com a beleza natural da floresta, com folhagens, flores, pássaros, borboletas e águas muito limpas.

E ele ficou ali num enlevo que nunca sentira antes, pensando em mil coisas em que nunca pensara antes, seguindo o voo silencioso das grandes borboletas azuis e embalando-se com o chiar das cigarras. De repente notou o saci dentro da garrafa fazia gestos de quem quer dizer qualquer coisa. (LOBATO, 2007, p. 28).

Na televisão, observam-se Pedrinho e Narizinho desesperados à espera do rodamoinho para pegar o saci, que vem de repente e eles o capturaram, mas, quando Narizinho e Emília notam que na garrafa não há nada, “zoam” com Pedrinho e decidem ir pescar, enquanto o pobre menino vai atrás de Tio Barnabé para ver o que fez de errado.

No livro, quando surge o “Capetinha”, ele avisa que Pedrinho chegou ao coração da floresta, o lugar mais perigoso de todos, e que só o ajudaria se Pedrinho devolvesse sua carapuça onde está concentrada toda sua força, e assim é feito, o menino a devolve e liberta o Saci, para que este o ajude a se livrar das armadilhas da floresta...

-Que aconteceu que está assim inquieto, meu caro Saci? - perguntou-lhe em tom brincalhão.

- Aconteceu que este lugar é o mais perigoso da floresta; e que se a noite pilhar você aqui, era um vez o neto de Dona Benta.

(LOBATO, 2007, p. 28).

Na adaptação, o saci também está dentro da garrafa, mas com a sua carapuça na cabeça, mostrando que o seu poder não está nela como nos traz o livro. O menino só decide soltá-lo da garrafa, porque o Saci o amedronta, dizendo que, se a noite cair e ele ainda estiver preso na floresta, era uma vez o neto de Dona Benta. Na adaptação, logo após essa cena, surge a Cuca, personagem que só é apresentada ao público na parte final do livro, para o desfecho da história. Ela surge, fazendo feitiços para encantar Narizinho, tomando banho de poluição e se transformando em uma velha para enganar a pobre menina, quando, na verdade, só deveria aparecer e ser citada nas partes finais para que Pedrinho tivesse motivo para sair do meio da mata, que é quando uma coruja vem anunciar para ele e para o Saci que a malvada Cuca capturou a pobre menina Narizinho, e que eles precisam retornar ao sítio para salvá-la das garras da terrível criatura

Súbito, ao dobrarem uma curva, viram lá num canto a rainha. Estava sentada diante de uma fogueira, de modo que a claridade das chamas permitia que as “folhagens” lhe vissem a carantonha em toda a sua horrível feiura. Que bicha! Tinha cara de jacaré e garras nos dedos como os gaviões, quanto à idade, devia andar para mais de 3 mil anos. Era velha como o Tempo. (LOBATO, 2007, p. 61)

Assim como a Cuca que era horrenda no livro, na adaptação ficou até bonitinha, outras cenas foram criadas somente na adaptação, pois, no livro, elas não existem. É o caso de Emília cair no rio quando está pescando com Narizinho, e acabar passando horas pendurada no varal para secar e a de Rabicó, o leitão que só aparece no texto “O Saci”, numa rápida citação, mas só ganha destaque em outras obras de Lobato, e no filme sempre dá trabalho e causa confusões com Tia Nastácia. Além disso, a ordem das cenas alteraram os

acontecimentos da narrativa. Entretanto, tudo isso não significa que o filme tenha menor relevância ou não tenha qualidade. Na verdade apenas comprova o que a crítica sempre destacou como fundamento artístico: cada arte possui seus próprios recursos e devem ser explorados conforme suas características e riquezas.

O livro e o filme nele baseado são vistos como dois extremos de um processo que comporta alterações de sentido em função do fator tempo, a par de tudo o mais que, em princípio, distingue as imagens, as trilhas sonoras e as encenações da palavra escrita e do silêncio da leitura. (XAVIER, 2003, p. 61).

Ainda acerca das características específicas de cada modalidade artístico-textual, declara Stam (2008, p. 20):

A passagem de um meio unicamente verbal como o romance para um meio multifacetado como o filme, que pode jogar não somente com palavras (escritas e faladas), mas ainda com música, efeitos sonoros e imagens fotográficas animadas, explica a pouca probabilidade de uma fidelidade literal, que eu sugeriria qualificar até mesmo de indesejável.

Prosseguindo com a análise, no livro surgem discussões entre o Saci e Pedrinho por meio das quais Lobato traz reflexões sobre a conduta humana. Durante a discussão, o Saci insiste em dizer que eles, seres da floresta, não precisam de estudo, pois, nascem sabendo, e que o homem é um animal estúpido e lerdo, ofendendo, assim, o ego de Pedrinho, que diz, que o homem tem inteligência, e que o Saci não sabe que o homem é a glória da natureza. Entretanto a discussão acaba quando o Saci menciona que os homens fazem guerras entre si e matam-se por puro prazer, como nos relata LOBATO (2007, p. 37): “[...] Matar por matar é crime. E só entre os homens existe isso de matar por matar- por esporte, por glória como eles dizem [...]”. Nesse momento Pedrinho percebe a esperteza do Saci e reconhece que a avó Dona Benta sempre esteve certa sobre o grande perigo que há na floresta como nos traz LOBATO (2007, p. 35): “Ficou assombrado com tamanha esperteza. – Bem diz vovó que a mata é perigosa! Um que não sabe há de levar cada logro aqui...”.

No texto adaptado, o Saci ri do menino quando este diz que conhece a floresta e toda sua história, pois, no sítio de Dona Benta tem um livro que conta sobre isso, e ele fala que o moleque não tem ideia da vida boa que eles levam na floresta, porém não aborda as reflexões da narrativa original sobre a guerra vivida pelos homens nas cidades nem ao fato de se matarem entre si, ou seja, a temática se torna menos reflexiva e mais leve, dando-se menos ênfase ao poder do conhecimento e mais destaque à diversão existente na floresta, bem ao gosto infantil.

Quando anoitece, Pedrinho começa a sentir medo e isso faz com que o Saci, intrigado, explique a ele que o medo é criado na imaginação dos medrosos, e começa a contar histórias sobre medo e pesadelos. Quando de repente, escutam um barulho e percebem que se trata do Curupira, um menino peludo, com pés virados para trás, o guardião da floresta que não permite que os caçadores matem por matar, somente por sobrevivência.

[...] É isso mesmo. É um menino peludo que toma conta da caça das florestas. Só admite que os caçadores cacem para comer. Aos que matam por matar, de malvadeza, e aos que matam as fêmeas com filhotes que ainda não podem viver por si mesmos o Curupira persegue sem dó [...] (LOBATO, 2007, p. 46).

Na adaptação televisiva, não é possível ver o Curupira, pois, ele não aparece e nem sequer é citado pelos personagens da telinha, nos deixando frustrados por perdemos uma cena que seria muito importante para a valorização do folclore um dos grandes recursos usados por Lobato para nos colocar dentro do nacionalismo.

A partir daqui, a narrativa segue tratando, por meio da curiosidade de Pedrinho, sobre outras personagens folclóricas, como a Iara e o Boitatá. Também são lembradas pelo menino as histórias do Negrinho do Pastoreiro - contada pra ele por sua vovó, que dizia ser o negrinho um Saci dos Pampas, informação discordada pelo Saci, que revela a verdadeira história do Negrinho. Segundo estudiosos,

Monteiro Lobato foi um sonhador e por isso idealizava um Brasil com as suas riquezas folclóricas, com seu povo e costumes multiculturais, mas um país também que fosse livre da miséria, da prisão de ideologias vazias e do desrespeito ao conhecimento popular. Para Lobato a valorização da nacionalidade na cultura partia do conhecimento dos saberes do povo, das histórias e da valorização dos personagens do folclore nacional. (SOUZA, 2013, p. 4).

Na adaptação televisiva, alusões a personagens folclóricas também ocorrem, mas nem o Boitatá, nem o Negrinho do Pastoreio são citados.

Outra personagem folclórica que aparece na história é a mula sem cabeça. No meio da floresta, surgem galopadas desenfreadas da tal mula que vem em direção aos dois, mas muda de rumo, e segue para longe, deixando Pedrinho desapontado por não conseguir ver, de perto, a terrível criatura folclórica, como nos relata LOBATO, (2007, p. 54): “- Que pena! – exclamou ele. – Tanta vontade que eu tinha de conhecer esse monstro...”. Como podemos ver a frustração do menino é grande, por não conseguir realizar sua imensa vontade de conhecer a mula sem cabeça.

Já na adaptação, essa é a cena que tem completa modificação, pois, quando a mula sem cabeça aparece, o Saci, com muito medo, simplesmente abandona o pobre menino

sozinho no meio da mata. Vendo-se em perigo, Pedrinho se lembra do que Tia Nastácia lhe ensinara tempos atrás sobre como se livrar dessa criatura: deveria espetá-la com algo que a fizesse perder um pouco de sangue, assim, ela voltaria a ser a mulher que fora antes de virar mula sem cabeça. Foi exatamente isso que o menino fez, enfrentado um de seus maiores medos, ele a espeta e traz de volta a mulher, que o agradece e segue seu caminho.



Cenas da adaptação televisiva *O Saci*.

Na narrativa, a mula sem cabeça é a mulher de um rei que devorava cadáveres de crianças, e por castigo é transformada em mula e nunca mais parou de galopar. Na adaptação, ela fora uma mulher que se apaixonou e se casou com um padre, e, por esse motivo, foi castigada, transformando-se nessa terrível criatura, que só seria salva se alguém a espetasse e perdesse um pouco de sangue, assim Pedrinho o fez, se tornando assim o herói da cena.

Neste ponto há uma desconstrução da atitude heroica proposta no texto original, já que em Lobato, o Saci se torna o salvador do menino e o ensina a se livrar de todos os perigos que ele enfrentaria na floresta, um ser que é abominado e temido por todos no sítio, acaba se tornando amigo e cúmplice de Pedrinho dentro da floresta, para que o menino possa voltar em segurança para a casa da avó Dona Benta. É o Saci também que garante o resgate de Narizinho das garras da Cuca, é o único que conhece suas fraquezas e pode vencê-la. Enquanto, na adaptação o menino é quem se torna o herói como salvador de Narizinho, pois todos passam a vê-lo dessa forma ao dizer que ele a salvou da Cuca. Assim, se no texto temos um Saci herói, que tudo ensina ao menino sedento de conhecimento, a adaptação transforma Pedrinho em herói e detentor dos conhecimentos que desencadeiam estratégias e vitórias.

A complicação final se dá, em ambos os textos, pelo desaparecimento de Narizinho que, segundo uma coruja informante, teria sido raptada pela Cuca. A coruja, chama o Saci com um simples pio, para contar a ele que a Cuca apareceu no sítio e sequestrou Narizinho.

Tal fato causa pânico em Pedrinho, que deseja ir embora imediatamente para resgatar sua querida prima das garras da perigosa e temível Cuca. A forma como fazem a viagem de volta ao sítio se modifica. Na narrativa, montam num porco-do-mato e seguem viagem até o Sítio do Pica Pau Amarelo, na adaptação o Saci leva Pedrinho em seu rodãozinho, deixando o menino completamente tonto de tanto rodopiar. Num momento posterior, quando decidem ir atrás da Cuca, Pedrinho pega dois capacetes, um para ele e outro para o Saci, para se protegerem de bater a cabeça e para que não fique tonto novamente.

Nesse movimento de transposição, as modificações assumem, pelo menos, duas dimensões: se, por um lado, as alterações ancoram o enredo no mesmo contexto social em que se inserem os telespectadores, por outro, essa ancoragem subtrai do telespectador a chance de conhecer o contexto original, distanciando ainda mais a produção televisiva da obra literária. Quando se busca essa ancoragem, incorporam-se à trama fatos, personagens e cenários similares à realidade em que se inserem os espectadores, em um movimento semelhante ao que se faz em telenovelas. (RAUPP, 2008 p. 2).

Quando chega ao sítio, o menino encontra Dona Benta e Tia Nastácia muito tristes com o sumiço das crianças. Primeiro o dele mesmo, Pedrinho, e agora o de Narizinho. No texto original, o menino diz que vai buscar Narizinho, mas não conta que está acompanhado

do Saci. Na TV, ele apresenta o seu mais novo amigo (o Saci) para ambas e para o Coronel Teodorico - personagem que aparece somente em outras histórias de Lobato, mas não no texto em análise – e isso causa o maior alvoroço entre os personagens.



Cena em que os personagens conhecem *O Saci*.

E assim, Pedrinho e o Saci saem em missão de salvamento. Resgatam a menina das garras da Cuca e retornam ao sítio, para surpresa e alegria de Dona Benta e Tia Nastácia. E quando pede para que agradeçam ao Saci por ter trazido a pequena de volta, percebe que o seu grande amigo se foi, sem deixar rastros.

Na parte final da narrativa, todos ficam felizes e gratos ao menino e ao Saci, por terem salvo a menina Narizinho, quando agradecem a Pedrinho por ter sido tão corajoso, o menino pede para que agradeçam ao Saci, mas quando se voltam, o capetinha de carapuça vermelha já se foi, também sem deixar rastros.



Cena final da adaptação televisiva.

Portanto, depois de uma grande e minuciosa comparação entre a narrativa de Monteiro Lobato e a adaptação televisiva exibida pela Rede Globo a partir de 2001, foi possível notar

que houve mudanças muito significativas da história original trazida pelo livro *O Saci*, e a adaptação televisiva realizada no ano de 2001.

A respeito das alterações percebidas na adaptação, a Reportagem do jornal *O Estado de São Paulo* (2005, p. 1) declarou:

Que as crianças mudaram com o bombardeio de informações que recebem diariamente todo mundo já sabe. Até mesmo a boneca Emília, Narizinho e o Pedrinho já não são mais os mesmos. E nem poderia ser diferente. Quando a última versão do Sítio do Picapau Amarelo estreou na Globo, em 2001, Dona Benta e as crianças navegavam na Internet e usavam e-mail. Adaptação bacana para crianças informadas.

E, ainda como ponto positivo da adaptação, Ankerkrone (2001, p. 4) argumenta:

A escolha de crianças bem pequenas foi um ponto bem positivo para trama, preservando mais ainda o livro de Lobato. A pequena Emília (Isabelle Drummond) é menor do que Narizinho e Pedrinho. O Visconde idem, com tamanho aproximado de um sabugo de milho, recurso que a emissora pretende fazer através de computação gráfica e efeitos especiais. O Saci está mais menino e bem mais próximo do garoto do folclore brasileiro... [...].

Já para a escritora Nereide Schilaro Santa Rosa, citada por Ankerkrone (2001, p. 4), sobre a versão de 2001:

Temo que esses programas televisivos venham a distorcer e simplificar a literatura lobatiana e o Sítio do Picapau Amarelo, ao invés de ensinar sobre Lobato, acabe só se tornando apenas um espaço para brincadeiras infantis sem uma reflexão maior e um conteúdo que leve a criança a pensar e a construir o seu pensamento, sua inteligência e logicidade [...]

Certo é que muitos pensam conhecer a literatura de Monteiro Lobato porque assistiram aos episódios televisivos, o que não é verdade. O que se conhece, dessa forma, é exatamente o texto televisivo com todas as suas riquezas e características peculiares e específicas, dignas de respeito e admiração. Entretanto, assistir a esses episódios não descartam a necessidade da leitura do texto literário, com suas singularidades. Mas, afinal, qual texto deve ser trabalhado na escola? Os dois! Como leitor e formador de leitores é imprescindível que o professor faça sempre leituras comparativas e trace um plano de trabalho bem elaborado para que a Literatura seja uma arte revalorizada na escola e não simplesmente substituída pelas adaptações, e que estas não sirvam apenas para substituir o texto literário, mas seja valorizada e explorada como uma arte específica, com valor em si mesma e não como matéria comparativa simplesmente. Pontos positivos e negativos sempre serão notados e de modo algum anulam o direito do aluno de conhecer ambos os textos, o que não se pode admitir é uma leitura simplista demais ou uma abordagem preconceituosa do mediador.

5. Considerações finais

Após a realização deste estudo é possível concluir que, tanto a adaptação televisiva da obra “O Saci”, quanto a obra escrita de Monteiro Lobato, devem ser expostas, apresentadas, levadas até as crianças, pois cada uma tem sua configuração própria, são artes com recursos e características específicas, de grande importância para a formação do leitor. Para isso, cabe ao professor mediador e, portanto, formador de leitores, apresentar e ler com seus alunos cada um dos textos para que possam fazer comparações, análises e, acima de tudo, para que a nossa literatura seja realmente conhecida nas escolas, ao lado do texto televisivo que muitas vezes é supervalorizado e usado como substituto do texto escrito.

6. Referências

ANKERKRONE, E. F. **Televisão**. 12 out. 2001. Disponível em: <<http://www.sampaonline.com.br/colunas/elmo/coluna2001out12.htm>>. Consulta em 03 out. 2006.

LAJOLO, M. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000.

LOBATO, M. **O Saci**. São Paulo: Globo, 2007.

O Estado de São Paulo. ‘Sítio’ vira só novelinha. 22 mai. 2005. Disponível em: <<http://txt.estado.com.br/suplementos/tele/2005/05/22/tele004.xml>>. Consulta em 29 set. 2006.

RAUPP, L. M. W. **A transposição de Memórias de Emília para série televisiva infantil: rupturas e permanências**. Anais Congresso Internacional de Leitura e Infantil e Juvenil, Porto Alegre: PUC, 2008. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/outrosmeios/A%20transposi%E7%E3o%20de%20Mem%F3rias%20de%20Em%EDlia%20.pdf>> Acesso em: 10 maio 2018.

SALES, L. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Sf48Dzegid0>>. Publicado em 15 de jul. 2012.

SOUSA, V. I. **Monteiro Lobato e o Folclore: Uma análise de o Sítio do Pica Pau Amarelo como comunidade de valorização e vivência das manifestações tradicionais culturais e folclóricas**. Anais eletrônicos do XVI Congresso Brasileiro do Folclore – UFSC, Florianópolis, 2013.

STAM, Robert. **A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação**. Tradução de Marie-Anne Kremmer e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMS, 2008.

XAVIER, Ismail. "Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema". In: PELLEGRINI, Tânia et al. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Senac SP: Instituto Itaú Cultural, 2003. p. 61-89.

YUNES, E. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aymará, 2009.